

Entrevistado: Noeme Araújo Teixeira

Entrevistadora: Isabella Verdolin Neves

Noeme Araújo Teixeira: Meu nome é Noeme Araújo Teixeira, nasci em 24 de agosto de 1927.

Isabella Verdolin Neves: A senhora nasceu aonde?

Noeme Araújo Teixeira: Nasci em Maracás, Bahia.

Isabella Verdolin Neves: Quando veio pra Brasília?

Noeme Araújo Teixeira: Em 1961, em 1º de janeiro.

Isabella Verdolin Neves: Começou o ano aqui?

Noeme Araújo Teixeira: Comecei o ano aqui, cheguei aqui, aliás, cheguei aqui em 2 de fevereiro, 2 de janeiro, ficando na Cidade de Livre, em cima de um caminhão, saí da Bahia, calculando Brasília, para quem tivesse um meio para... e aqui passei trinta e três anos. No início não tinha nada, a condução era a pior possível, deixava a gente sempre no meio da estrada (risos).

Isabella Verdolin Neves: Quem que veio com a senhora?

Noeme Araújo Teixeira: Quem veio comigo? Os meus quatro filhos, um sobrinho, meu cunhado que veio trazendo os filhos, e dois sobrinhos. Aqui a luta foi grande, mas foi bom, adorei.

Isabella Verdolin Neves: Qual foi seu primeiro trabalho aqui em Brasília?

Noeme Araújo Teixeira: Meu primeiro trabalho foi ser chefe de uma lavanderia no hotel Imperial.

Isabella Verdolin Neves: Como é que a senhora conseguiu esse trabalho?

Noeme Araújo Teixeira: Por meio do gerente, que eu fui à direção e me disseram que o gerente não estava satisfeito, e ele me cedeu o lugar; passei na lavanderia oito anos, você pode contar (risos), sem saber nada de lavanderia (risos), mas, me disseram que, o dono, o proprietário do Imperial nessa época era o detetive do Rio de Janeiro, que tinha esses hotéis aqui, ele já era longe de tudo, aí eu fiquei oito anos lutando com isso, mas

acontece que me disseram que tinha um japonês no hotel, eu fui até ele, para ele me dar umas lições de máquinas, que eu não sabia lidar com máquinas, então ele me deu essas aulas, quando o dono dos hotéis chegaram queriam uma entrevista comigo, eu fiz a entrevista, ele achou que eu estava apta para o trabalho, aí, continuei trabalhando com trinta e duas pessoas, fiquei, depois fui convidada para chefiar outra lavanderia, (risos), e aí fui para a Lavanderia Suíça, era de um alemão, fiquei um pouco mais, uns oito anos também, então me convidaram para eu chefiar a cozinha de um hospital de Sobradinho, que era naquela época dos estudantes, e fora que eu sou aposentada pela Universidade de Brasília. Que mais?

Isabella Verdolin Neves: O quê que seus filhos faziam nessa época?

Noeme Araújo Teixeira: Arivaldo era o garçom do hotel, ele tinha apenas 12 anos, não, aqui ele tinha mais... onde eu trabalhava ele ia também trabalhar, porque eu não podia ficar, eu estava com os filhos, não tinha nada naquela época, e nós fomos então, eu tenho 33 anos aqui na Bahia, em Brasília, com a maior, com a maior preocupação da vida que eu tinha duas filhas doentes, a dificuldade era muita, eu acho que hoje que trabalhar aqui é uma maravilha, porque naquela época enfrentamos muitas dificuldades, principalmente de transporte, aí da cidade eu fui para Taguatinga, tinha salão de beleza, trabalhava sempre à noite quando eu chegava, porque meu marido ele era o chefe dos vendedores, vivemos aqui 30 anos sem sossego, (risos), mas era muito bom.

Isabella Verdolin Neves: Como é que era assim, um dia seu normal? A senhora acordava mais ou menos a que horário, como é que era pegar a condução, ir para o trabalho e voltar?

Noeme Araújo Teixeira: Eu saía 7h30 da manhã, para ir para o hotel, a rodoviária aqui, ali embaixo, quando chovia ninguém podia passar, tinha que tirar o sapato, eu vinha de meia, vinha de tudo, tinha que tirar tudo isso para passar, para subir até chegar no hotel, e aí o serviço daqui, lá perto, era só garimpeiro, garimpeiro não, candangos, que vinham também à procura de trabalhos, e aqui era uma maravilha que não tinha distinção, nem pobre, nem rico, todos estavam procurando o mesmo sentido que eu estava procurando, eu queria formar minhas filhas, onde eu estava bem, mas não tinha medo e a minha visão era educar todos os meus filhos, infelizmente não eduquei todos porque Maria Helena não se formou, mas graças à Deus, juntando as pedrinhas ela está aí perfeita, inteligente, e aí eu vivi esse tempo aqui lutando, filhas doentes, a Leda Lúcia nessa época tinha sopro no coração, e eu deixava as duas com empregadas, quando eu chegava... as meninas estavam nas piores condições, porque à noite quando eu ia penteá-las, eu ia olhar a cabeça, que eu ia ver o que estava necessitando para elas, as empregadas naquela época

também era horrível, não encontrávamos como queríamos, às vezes eu era obrigada a levá-las para o trabalho, certo? E... acontecia que eu dava até banho nelas na máquina de lavar (risos).

Isabella Verdolin Neves: Como que a senhora fazia isso?

Noeme Araújo Teixeira: Fazia, dava banho nelas, arrumava pra sair, todas duas comigo, então chegava em casa 7 h da noite, 8 h da noite, e aí enfrentei a vida da melhor maneira.

Isabella Verdolin Neves: E o salão de beleza?

Noeme Araújo Teixeira: O salão de beleza, meu marido, meu marido nessa época ele... não, nesse tempo ele estava empregado ainda, foi depois, que eu fui pro piloto e coloquei dois salões e ele chefiava, demos muito bem com o salão. Infelizmente, eu trabalhava no Sobradinho, como já lhe disse, e adoeci e me aposentei, aí eu tomei as rédeas do salão, fui trabalhar no salão e trabalhei durante todo esse tempo, depois de 1980 para cá, eu trabalhava em salões, costura, toda essa coisa eu fazia, porque Brasília quando eu cheguei, quem sabia das coisas, era uma procura mútua... eu sabia costurar, sabia, eu fiz vários testes para ser empregada mais, eu achava que o meio não dava para mim, para mim ficar sem dinheiro, porque eu tinha os filhos pra tratar, alimentação, e aí passei a minha vida toda nessa, nessa agonia. Voltei para Taguatinga, com os salões também, comecei a ver anúncio à noite, em Taguatinga, depois que eu mudei para o Plano Piloto...

Isabella Verdolin Neves: Em Taguatinga, o salão era diferente do que é hoje? Quais eram os serviços prestados no salão?

Noeme Araújo Teixeira: Era o mesmo de hoje, aliás, melhor, porque tínhamos funcionários melhores, eles vinham também do Rio, de São Paulo, todos procurando trabalho, e encontrávamos salões com funcionários ótimos nessa época; naquela época, que eu achava que existia penteados, porque o povo se esmeravam, o cabeleireiro esmeravam, hoje é tão fácil você colocar uma escovinha e está bem, e daquele tempo existia penteados, então o salão era movimentado (risos), do salão que ficava, de Taguatinga, mudei pro Plano Piloto, fui morar na casa da Hebe, passei uns três anos por lá, e depois, eu, de lá fui pra Bahia.

Isabella Verdolin Neves: E como é que foi essa volta pra Bahia? Olhar Brasília de fora?

Noeme Araújo Teixeira: Olhar Brasília de fora, eu estava muito, muito bem em Brasília assim, gostando de Brasília, o intuito de me descansar, mas minha mãe adoeceu, então eu

quis ajudar minhas irmãs um pouco, aí resolvi ir com todo mundo para Bahia (risos), novamente, arrumei um caminhão, um baú, e coloquei tudo no caminhão, e fui me embora. Na Bahia eu passei 13 anos, já aposentada, eu queria trabalhar, então eu montei uma lavanderia, e uma sala de costura, aí trabalhei 13 anos, quando eu resolvi voltar para Brasília, queria morar em Taguatinga, meu filho não quis, o Arivaldo achou que não era o ideal para mim, aí resolveu que eu tinha que ir para Goiânia, fui para Goiânia. Em Goiânia eu tinha que ficar sobre a, eles achavam que eu estava velha demais, que era para ficar quietinha, eu não tenho paciência para ficar quietinha (risos). Eu estou em Goiânia, estou bem, acho que Goiânia é uma cidade ótima para se morar, estou lá até o dia que Deus me chamar. Cheguei em Goiânia comprei um apartamento, adoro o lugar que eu estou, adoro, então, estou bem lá.

Isabella Verdolin Neves: Brasília agora só para visitar todo mundo...

Noeme Araújo Teixeira: Ah, Brasília só para visitar, porque eu acho Brasília muito difícil para se morar, porque tudo é longe, sempre achei né, eu enfrentei distância de Brasília, com toda força, com toda força, e te digo, se fosse pra fazer tudo de novo eu faria, tudo de novo eu faria. os filhos vai queimando os pais, a mãe já não tem mais direito de resolver o que quer e assim eu tenho vivido aqui, pretendo até o dia que Deus me chamar, eu acho que eu vou demorar um pouco. Para (risos), para ficar ainda na, chateando, (risos). Mas também meus filhos são ótimos, graças à Deus, Deus me deu uns filhos maravilhosos, eu não sei como agradecer à Deus. Hoje, estou com... deixe-me ver os anos, que as datas eu sou um pouco, um pouco atrasada, estou viúva há uns... dez anos, estou levando a vida, como Deus determina, acho hoje que eu tenho o conforto espetacular, porque meus filhos procuram me compensar. Eu estou passando a vida com certa regalia (risos).

Isabella Verdolin Neves: Tem alguma coisa da época que a senhora trabalhava na lavanderia, assim, algum caso, alguma coisa engraçada ou...

Noeme Araújo Teixeira: Tem.

Isabella Verdolin Neves: diferente que aconteceu no seu local de trabalho...

Noeme Araújo Teixeira: Tem. Quando eu, eu fui contratada pela lavanderia, eu não sabia de nada, que podia acontecer na lavanderia, eu via, eu fui visitar lá a lavanderia, o diretor me levou lá e tal, conversando, eu disse “Jesus, como eu vou enfrentar isso aqui, que eu não sei como vou enfrentar”. Como eu não sabia de máquina, nada, e via aquele

movimento todo que eu, estava em minhas mãos, eu ficava de cima da escada, olhando como os trabalhadores faziam, para que eu pudesse continuar, porque eu tinha que ser entrevistada todo mês com o diretor que era um terror, um terror, aí eu comecei a verificar como eles trabalhavam, em cima da escada, para que eles não me vissem, para eu não perder a autoridade com eles, porque eles sabendo que eu não sabia nada de, lavanderia, ia bancar, dizer que eu não sabia nada, e até sorrir por isso. Então eu procurei foi, na ocasião que eu procurei o japonês e, japonês ou chinês, um troço desse, e tomei minhas aulas, aí eu tomei minha autoridade, aí eu aprendi logo e fui praticando, quando o diretor chegava eu já estava, bem, já dando lições, ele me dizia que eu era ótima funcionária (risos), e aí passou, eu achava engraçado isso, e achei engraçado porque eu passava susto de certas e determinadas coisas, aí eu fui tendo, adquirindo a confiança do diretor, aí ele me passou a responsabilidade de fiscalizar os quartos, verificar o que tinha. Eu fazia o que eu queria lá dentro, e aí, fiquei, quando eu mudei pra Sobradinho.

Isabella Verdolin Neves: E como é que era esse trabalho em Sobradinho assim, tinha muito contato com os estudantes ou era só o pessoal que fazia o trabalho da cozinha mesmo?

Noeme Araújo Teixeira: Era dos... médicos recém-formados, era a escola médica, então eu tinha que dar refeições, eu orientava, eles tinham as refeições, os médicos muito enjoados (risos), muito... e eu tinha toda a autoridade lá dentro, fim de ano eu fazia festa para os diretores da universidade, e assim eu passei muito tempo, até o dia em que eu me aposentei em 1980, daí para cá, é a vida que eu levo... os filhos já não querendo que eu faça mais nada, mas eu sou uma pessoa, eu ainda me acho, com minhas condições perfeitas, minha mente está perfeita, aí eu não, não obedeço os filhos... (risos), aí eles ficam aborrecidos, mas eu não, não obedeço (risos).

Isabella Verdolin Neves: Tem alguma coisa que eu não perguntei, que a senhora lembra assim, que acha que é bom a gente acrescentar...

Noeme Araújo Teixeira: De quê?

Isabella Verdolin Neves: Alguma coisa, que eu não tenha perguntado, que a senhora queira acrescentar...

Noeme Araújo Teixeira: É... é tanto... (risos). Aí eu voltei para a Bahia, minha mãe estava doente, estava na casa de uma irmã, eu peguei minha mãe e coloquei na minha casa, ela ficou na cama oito anos, e eu cuidava dela com todo carinho, e sei que minha



mãe morreu feliz, sei que morreu feliz, foi quando eu resolvi ir me embora novamente para Brasília, muito bem, com irmã, isso tudo, você sabe que o gênio é melhor, então me sentia feliz, mas além de tudo tinha os filho que me mandava, eu tinha que obedecer, eles me mandavam; netos, bisnetos é uma maravilha, então estou bem, me acho felicíssima, os filhos acham que não vivo, que sou feliz, mas é para não dar muita chance à eles...

Isabella Verdolin Neves: (risos)

Noeme Araújo Teixeira: É, estou bem, estou feliz, “mas a senhora está feliz, não?”, não, estou bem (risos), mas me sinto muito feliz, muito contente.